



## Laboreal

Vol.19 Nº1 | 2023

A atividade de trabalho no cerne dos novos desafios  
sociotécnicos da natureza e do ambiente

---

## Editorial

*Editorial*

*Editorial*

*Editorial*

**Carole Baudin e Liliana Cunha**

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/laboreal/20236>

DOI: 10.4000/laboreal.20236

ISSN: 1646-5237

### Tradução(ões):

Editorial - URL : <https://journals.openedition.org/laboreal/20249> [es]

### Editora

Universidade do Porto

### Refêrencia eletrónica

Carole Baudin e Liliana Cunha, «Editorial», *Laboreal* [Online], Vol.19 Nº1 | 2023, posto online no dia 13 julho 2023, consultado o 15 julho 2023. URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/20236> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/laboreal.20236>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 julho 2023.



Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional - CC BY-NC 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

---

# Editorial

*Editorial*

*Editorial*

*Editorial*

**Carole Baudin e Liliana Cunha**

---

- 1 São cada vez mais disseminados os discursos em torno da designada “twin transition”, acalentando a expectativa de que a transição digital e a transição ecológica possam fazer-se em paralelo e potenciem ganhos conjuntos. Não obstante, colocar o trabalho no centro da análise destes processos de transição instiga-nos a análises focadas no que nos revelam das realidades concretas de trabalho, e dos constrangimentos que se impõem a um futuro que se mantém perspetivado.
- 2 Este número da Laboreal convida então os.as leitores.as a uma reflexão sobre o potencial da análise da atividade quando ela é atravessada por tais desafios, num dossier temático intitulado “A atividade de trabalho no cerne dos novos desafios sociotécnicos da natureza e do ambiente”.
- 3 Cinco artigos integram este dossier.
- 4 **Fabienne Goutille, Marion Albert, Julie Fredj, Johanna Pannetier, Alain Garrigou, Adelaide Nascimento e Caroline Jolly** analisam a forma como as transições tecnológica e ecológica se conjugam na introdução de tecnologias de precisão na agricultura. Com base em três estudos de caso (o caso de uma sementeira, de uma ordenha e da pulverização de pesticidas), os autores mostram como, pese embora as novas ferramentas de agricultura de precisão possam ser atrativas pelos argumentos económicos e ecológicos que apresentam, também constroem e redefinem as atividades e temporalidades agrícolas, exigindo novas competências e estratégias, e alheando ao mesmo tempo os saberes empíricos da terra. Estas novas configurações exigem então o desenvolvimento de análises da atividade a diferentes escalas, para acompanhar os agricultores nas escolhas que têm de fazer e para repensar a conceção e o desenvolvimento destas novas tecnologias.
- 5 **Sandrine Caroly e Rafaël Weissbrodt** convidam-nos a refletir sobre as dimensões que levantam as novas formas de risco e de vulnerabilidade potenciadas pelas alterações

climáticas nos ambientes de montanha. Em particular, o estudo de dois projetos, um sobre a atividade das mulheres guias de alta montanha, o outro sobre a gestão dos riscos ligados ao permafrost na zona inter-regional dos Alpes, conduz os autores a enfatizar a importância de integrar nas análises as dimensões sociais da atividade, mas também a recorrer a modelos provenientes das ciências políticas, para melhor sistematizar as ações públicas e as questões territoriais em jogo na gestão destas novas situações de riscos climáticos.

- 6 **Willy Buchmann et Valérie Zara-Meylan** discutem no seu artigo as relações entre trabalho e desafios ambientais, a partir de duas pesquisas, uma no sector da horticultura e a outra na manutenção de espaços verdes, realçando o papel da experiência como recurso para antecipar, em cenários de transição, configurações da atividade receadas, pelos seus riscos, ou para pensar o trabalho futuro.
- 7 No artigo de **Simone Oliveira e Sérgio Portella**, os cenários de mudança climática e o aumento do número de eventos críticos servem de referência à discussão das catástrofes como processos reveladores das vulnerabilidades dos territórios, de que é exemplo a que teve lugar, em 2011, nas cidades serranas do Rio de Janeiro. O artigo revela como o recurso à cartografia, à memória comunitária e a indicadores de vulnerabilidades socioambientais contribuíram para a criação de condições favoráveis ao encontro de diferentes saberes e à identificação de alternativas.
- 8 O ponto de partida do artigo de **Adelaide Nascimento, Isabelle Probst, Marianne Lacomblez, José Jackson Marçal, Alain Garrigou, e de Roberto Novaes** é inédito na Laboreal: sustenta-se num documentário-intervenção onde são descritas e comentadas as atividades das pescadoras nos manguezais do Nordeste do Brasil, explorando questões que desafiam a ergonomia contemporânea e convocam a categoria de análise da interseccionalidade, a noção de nocividade ampliada, a tradição de formação freireana, e a abordagem do território como moldado na atividade de trabalho.
- 9 Na secção **Varia**, o resumo de tese de Marion Gaboriou convoca-nos para um outro cenário de transição, marcante na história pessoal e profissional, ditado pelo reconhecimento, frequentemente muito difícil, de “inaptidão para o trabalho”. Em teoria, o reconhecimento de inaptidão visa proteger os/as trabalhadores/as cuja saúde está fragilizada pelos riscos inerentes ao seu posto de trabalho, tido como não adaptável, dando-lhes o direito a uma reconversão ou mesmo a uma reforma antecipada. Não obstante, na prática, a inaptidão é objeto de usos diferenciados e os fins para que é perspectivada variam consideravelmente de um contexto sócio histórico; de uma organização; ou de um sector de atividade, para outro.  
Este número integra também um **artigo “de resposta a...”**, da autoria de Raoni Rocha, ao artigo de Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020). O debate aqui aberto tem como enfoque a importância da associação de espaços de reflexão e de discussão à análise do trabalho - tida não só como desejável, mas como necessária nas intervenções ergonómicas; e como consequência da evolução da própria disciplina. Realça-se aqui também, com este contributo de Raoni Rocha, a oportunidade de reflexão e de discussão instigada em espaço próprio da Laboreal, entre diferentes autores.
- 10 Relativamente à secção **“O trabalho e suas histórias”**, este número conta com o **Texto histórico** de André-Georges Haudricourt sobre “A origem das Técnicas”, editado em 1965 na revista “Le courrier rationaliste” - cuja publicação foi autorizada pela “Union Rationaliste”, o que muito agradecemos. Haudricourt considera a técnica como a atividade mais racional do ser humano, sempre socialmente aprendida e transmitida.

As invenções técnicas não podem ser, por isso, interpretadas como o resultado de *inspirações* individuais, mas sim como a combinação de elementos pré-existentes, de técnicas já conhecidas. A originalidade das técnicas advém, então, das novas combinações que são produzidas e da sua aderência às circunstâncias e aos locais em que são implementadas.

- 11 O **comentário ao texto histórico**, por Bernard Prot, remete para algumas controvérsias atuais para que o texto evoca. Mas, realça também como esta abordagem vê na tecnologia uma história das relações dos humanos com o seu ambiente e entre si: uma história intrigante e inacabada.
- 12 Esta reflexão acaba por se prolongar na nossa rubrica **Datário**, com um contributo de Carole Baudin, homenageando a assinatura da Convenção de Minamata sobre o uso de mercúrio. Uma homenagem como a Laboreal as procura privilegiar, com uma ancoragem na complexidade das situações reais de trabalho, graças ao relato de uma investigação-intervenção desenvolvida no Perú, à luz do referencial teórico-metodológico da antropotecnologia. Uma homenagem que, na verdade, interpela as medidas legais/convencionais insuficientemente atentas ao que delas se fará na prática.
- 13 Agradecemos a todos.as os.as que colaboraram neste número, considerando os.as autores.as já referidos.as; as tradutoras, Agustina Blanco, Fernanda Romero, Flora Vezza, Gabriela Cuenca, Raquel Araújo e Sophie Dubois; e todos.as os.as peritos.as que avaliaram as propostas dos artigos que recebemos para este número, Anísio Araújo, Anne Grunstein, Bernardo Suprani, Christelle Casse, Isabelle Probst, Joël Lebeaume, Laura Centemeri, Laurence Thiry, Livia Scheller, Marianne De Troyer, Michelle Aslanides, Milton Athayde, Muriel Prévot-Carpentier, Nelcy Arevalo Pinilla, Nicolas Canales-Bravo, Rogério Leitão, Thaís Máximo, Valérie Pueyo e Véronique Poète.
- 14 Desejamos a todos.as o prazer da descoberta deste número,
- 15 Em nome do Comité Editorial da Laboreal,

---

## AUTORES

### CAROLE BAUDIN

[orcid.org/0000-0003-0854-2878](https://orcid.org/0000-0003-0854-2878)

Professeure-Chercheure Indépendante en Anthropotechnologie – Membre associée au Laboratoire LaReSS – Haute École de Travail Social de Lausanne. Rue du Château 10 – 2000 Neuchâtel – Suisse. [carole.baudin.n@gmail.com](mailto:carole.baudin.n@gmail.com)

### LILIANA CUNHA

[orcid.org/0000-0002-7362-9382](https://orcid.org/0000-0002-7362-9382)

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto ; Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Rua Alfredo Allen, 4200-135 Porto. [lcunha@fpce.up.pt](mailto:lcunha@fpce.up.pt)